

Matheus Barbosa Rodrigues ²

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Resumo

Nosso objetivo é trazer à luz a maneira como Bruno Latour entende a questão do negacionismo político, sobretudo a partir de *Onde aterrar? – como se orientar politicamente no Antropoceno* (2017). Trata-se de demonstrar como mais do que um fenômeno epistemológico ligado à “pós-verdade”, o negacionismo diz respeito à situação geopolítica da “pós-política”. Em um primeiro momento, a partir do livro de Naomi Oreskes e Erik M. Conway, *Merchants of Doubt* (2010), faremos um desvio pelo histórico do negacionismo climático. Na sequência, exploraremos o deslocamento que levou elites econômicas a abandonarem o compromisso com a verdade. Seguindo Latour, então, abordaremos os motivos que levam as pessoas a não acreditarem em questões de fato ou verdades científicas, efeito colateral de décadas de destruição sistemática de uma “cultura comum” de amparo. Por fim, avançaremos a hipótese de que devemos deslocar as condições da solução do problema negacionista.

Palavras-Chave: Bruno Latour, negacionismo, pós-verdade, pós-política.

Abstract

Our goal is to shed light on how Bruno Latour understands the issue of political denialism, particularly from *Down to Earth: Politics in the New Climatic Regime* (2017). The aim is to demonstrate that, rather than being merely an epistemological phenomenon linked to "post-truth," denialism pertains to the geopolitical situation of "post-politics." First, drawing from Naomi Oreskes and Erik M. Conway's book, *Merchants of Doubt* (2010), we delve into the history of climate denialism. Following this, we examine the shift that led economic elites to abandon their commitment to truth. Adopting Latour's perspective, we then address the reasons why people refuse to believe in matters of fact or scientific truths, a side effect of decades of systematic destruction of a "common culture" of support. Finally, we propose the hypothesis that we must shift the conditions for solving the denialist problem.

Keywords: Bruno Latour, denialism, post-truth, post-politics.

¹ Este trabalho faz parte de uma pesquisa financiada pela FAPESP, processo n 2021/02383-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

² Graduado em Filosofia pela Universidade de São Paulo, com período de intercâmbio acadêmico na Université Paris-Sorbonne (Paris IV). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo, com estágio de pesquisa (BEPE - FAPESP) na Universidade Paris Nanterre. Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo. E-mail: matheus_b_rodrigues@hotmail.com

Introdução

No meio das filmagens de *Borat: Fita de cinema seguinte*³, explodiu a pandemia de COVID-19 e foi estabelecido o primeiro *lockdown* nos Estados Unidos. Interpretando o protagonista da trama, Sacha Baron Cohen pediu a dois homens que encontrou na rua se podia ficar com eles durante o confinamento. Acreditando que se tratava de um jornalista do Cazaquistão sem ter para onde ir, Jim e Jary aceitaram receber um completo estranho em suas casas em meio a uma pandemia global. Não há encenação aqui! Essa é a fórmula da sequência de *Borat*: quatorze anos depois, a realidade dos Estados Unidos se basta como peça de humor. De fato, durante cinco dias, Sacha e sua equipe de filmagem acompanharam de perto como vivem e como pensam dois típicos apoiadores de Donald Trump.

O encontro teve tanto sucesso que rendeu uma série à parte: *Lockdown Americano: Desbancando Borat*⁴. Em cada episódio, Jim e Jary confrontam uma de suas teorias da conspiração com jornalistas, cientistas e políticos. A intenção da série é desmentir a dupla através da apresentação da verdade e dos fatos que refutam suas ideias. Assim, são demonstrados os absurdos das teorias do Chip da Vacina, da fraude dos votos por correio, da associação entre George Soros e o nazismo, passando pela conspiração do “vírus chinês”. O último episódio é dedicado à crença de que Hillary Clinton se alimentaria de sangue de crianças. Eles recebem uma contrapartida da própria Hillary.

Durante as sessões de “desmistificação”, salta aos olhos um detalhe, talvez imprevisto pelos idealizadores do show. Diante da inconsistência de suas teses, rebatidos por estudiosos renomados, de toda forma, as crenças de Jim e Jary se mantêm inabaladas. No fim, terminamos de assistir perturbados: como explicar a resistência em corrigir argumentos mesmo depois deles serem refutados? Por que nem a apresentação dos fatos é capaz de fazer alguém abrir mão da opinião que os nega?

O Brasil de hoje não está tão distante dos EUA representado por Jim e Jary. Aqui nossas teorias da conspiração têm seus próprios contornos, mas a sensação de que parcela significativa da população insiste em negar aquilo que está diante dos seus olhos é igualmente perturbadora. A pergunta que sobra é a mesma: por que a realidade não se impõe?

Para dar conta do problema, o presente artigo tem como objetivo investigar a maneira como Bruno Latour entende a questão do negacionismo em *Onde aterrar? – como se orientar*

³ *BORAT SUBSEQUENT MOVIE FILM*. Direção: Jason Woliner. Produção: Sacha Baron Cohen. Distribuidora: Amazon Studios, 2020.

⁴ *LOCKDOWN AMERICANO: DESBANCANDO BORAT*. Direção: Kahane Cooperman. Produção: Sacha Baron Cohen, Dan Cogan, Liz Garbus, Monica Levinson. Distribuidora: Amazon Studios, 2021.

politicamente no Antropoceno (2017). Vale dizer, embora mobilizemos outros textos de Latour pertinentes ao tema, não pretendemos abordar a dimensão político-epistemológica da obra de Latour como um todo⁵. Nosso propósito é trabalhar este livro em particular, em especial naquilo que ele nos ajuda a pensar o problema levantado.

Em geral, as reações contra o negacionismo estão ligadas com o que Latour chama de *política da pós-verdade*. A “pós-verdade” foi considerada a palavra do ano de 2016 pelo Dicionário Oxford, que constatou que seu uso aumentou no contexto do Brexit e das eleições presidenciais dos Estados Unidos, até o ponto de se tornar um termo comum das análises políticas⁶. Supõe-se aqui que a indiferença à verdade diz respeito a um *déficit epistemológico*, como se a “falta de racionalidade” do “povão” fosse a fonte do mal que o conduz a abraçar realidades alternativas. Para Jim e Jary, assim como para cada vez mais gente, fatos objetivos teriam menos importância do que opiniões e crenças pessoais. Nestes termos, para combater o negacionismo, caçoa Laotur, “bastaria reunir as pessoas comuns numa boa sala de aula como antes, com quadro negro e lições a estudar, para que a razão enfim triunfasse” (LATOURE, 2020, p. 35-36)⁷.

A cena nos faz lembrar da tentativa de “desbançar” as *fake news* de Jim e Jary. Todo programa era literalmente isso: reunir dois homens comuns numa sala para ensinar as verdades e os fatos que contradizem seus delírios. O pressuposto é o da falta de racionalidade da dupla conspiracionista, que é enquadrada pelas câmeras para gerar risos nos telespectadores “iluminados”. Conhecemos o resultado: a razão não triunfa, ao menos não para a parcela que se tratava de convencer.

De sua parte, Latour aponta as direções para convertermos nossa frustração em uma compreensão político-filosófica do fenômeno negacionista. Se a abordagem pedagógica não funciona, é porque a “pós-verdade” indica uma maneira superficial de lidar com o problema. Diz ele:

Eles não enfatizam o motivo por que alguns decidiram continuar fazendo política abandonando voluntariamente o vínculo com a verdade que os aterrorizava (não sem razão). Tampouco discutem o porquê de as pessoas comuns terem resolvido – aqui também não sem razão – não acreditar em mais nada (LATOURE, OT, p. 35).

⁵ Um esforço nesse sentido pode ser encontrado no livro de Graham Harman, *Bruno Latour - Reassembling the Political* (2014).

⁶ Cf. *The Oxford English Corpus*, Oxford, 2016. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em: 05 de maio de 2024.

⁷ Daqui em diante, utilizaremos “OT” para referenciar o livro.

A partir de *Onde Aterrar?*, trata-se de demonstrar como mais do que um problema de “pós-verdade”, o fenômeno negacionista diz respeito à situação geopolítica da “pós-política”. Para compreender o deslocamento, seguindo o livro de Naomi Oreskes e Erik M. Conway, *Merchants of Doubt* (2010), faremos um desvio pelo histórico do negacionismo climático. Além desta consideração estar na base da hipótese de Latour, queremos enfatizar como o *negacionismo climático* não é um entre outros, mas o núcleo que organiza a política de desinformação que culmina na eleição presidencial de Donald Trump. Na sequência, exploraremos os dois pontos que a consideração dos bastidores históricos do negacionismo climático elucida. Primeiro, os motivos para certas elites político-econômicas abandonarem a verdade, essencialmente ligados com uma reação contra as ciências do clima. Em segundo lugar, os motivos para as pessoas não acreditarem em mais nada, efeito colateral da destruição sistemática de uma “cultura comum” de amparo. Por fim, veremos como o contexto geopolítico nos obriga a deslocar as condições da solução do problema. Com Latour, trata-se de expor direções do que fazer para *aterrar* em um mundo que podemos começar a redefinir de maneira comum.

A indústria do negacionismo climático

Partimos da análise consolidada no livro de Naomi Oreskes e Erik M. Conway, *Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues from Tobacco Smoke to Global Warming* (2010). O livro foi transformado em um documentário que também tomamos como base⁸. Como diz o título, trata-se da história de *como e por que* um grupo de cientistas, posteriormente alojados no espaço-tempo de uma *think tank* em Washington (“George C. Marshall Institute”), teve papel determinante em colocar dúvidas sobre fatos estabelecidos pela ciência, como a existência do buraco na camada de ozônio, os perigos da chuva ácida, os malefícios do pesticida DDT, os problemas de saúde causados pelo tabaco em fumantes passivos e, principalmente, sobre o consenso científico em torno do aquecimento global.

No contexto dos EUA em especial, perguntados em uma pesquisa de 2009 se há “evidência sólida de que a Terra está aquecendo”, tão só 57% dos estadunidenses responderam que “sim”, enquanto que, à época, o consenso científico era próximo de 100% (ORESQUES & CONWAY, 2010, p. 170). Em resumo, Oreskes e Conway constataram que um pequeno número de cientistas é responsável pela presença do ceticismo climático na opinião

⁸ *Mercadores da Dúvida*. Produzido Robert Kenner, Dylan Nelson, Taki Oldham e Melissa Robledo. YouTube, 2014. 1:33:17. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zs8Nrj11GF0>. Acesso em: 26 de abril de 2024.

pública norte-americana, contrariando consensos amparados por pesquisadores do mundo todo. Afinal, qual é o objetivo desse esforço?

A negação da ciência climática compartilha tanto de estratégias quanto de fins similares aos das indústrias do cigarro: barrar qualquer regulamentação que possa prejudicar as companhias. Medidas legais que visassem controlar a emissão de CO₂ ou diminuir o consumo de combustíveis fósseis atacariam diretamente grandes indústrias dos EUA e do mundo. Não à toa, são essas mesmas companhias as principais financiadoras do Instituto Marshall. Esta e outras *think tanks* não têm como propósito central a pesquisa científica, mas afastar a opinião pública do consenso a respeito da questão climática. No fim das contas, suas falácias servem de anteparo “científico” para justificar a inação de líderes políticos.

As estratégias variam ao longo do tempo, desde pôr em dúvida a ciência do clima até afirmar que, por conta dos prejuízos dos sistemas energéticos, frear as causas do aquecimento global seria mais danoso do que os inconvenientes de seus efeitos. Como última cartada, sugere-se até mesmo que os cientistas do clima operam exatamente como os próprios negacionistas: politizando fatos em nome de interesses político-econômicos escusos.

São ao menos três os principais momentos desses ataques, fartamente documentados e resumidos por Naomi Oreskes no documentário. Primeiro, após o IPCC de 1995, as investidas contra o cientista responsável pelo capítulo que demonstra a causa antropogênica da mudança climática, Benjamin D. Santer. Depois, em meio às negociações sobre o protocolo de Kyoto em 1997, o caso da “petição de Oregon”, cujo objetivo era sustentar um consenso entre os céticos do clima através de assinaturas ou montadas ou de pessoas sem nenhuma relação com a comunidade científica. Por fim, o “*climategate*”, escândalo de vazamento de e-mails que supostamente provaria os fins políticos do “alarmismo” dos cientistas do clima, convenientemente “vazado” no ano da Conferência das Nações Unidas sobre as mudanças climáticas em Copenhague (2009).

Um caso escolar é o da ExxonMobil. Há fortes indícios de que ao menos desde os anos oitenta a equipe interna de pesquisa da empresa tinha consciência da realidade do aquecimento global. Todavia, contrariando seus próprios cientistas, os executivos faziam pronunciamentos públicos defendendo que as evidências eram “inconclusas”. Ou seja, de caso pensado, *a empresa multibilionária de combustíveis fósseis preferiu negar o problema ao invés de enfrentá-lo*. Em 1989, o chefe de estratégias da Exxon apresentou para o conselho a

necessidade de que publicamente se “ênfatize a incerteza” sobre as mudanças climáticas⁹. No mesmo ano, um conglomerado de empresas de gás, petróleo e carvão fundou a “Coalizão Global do Clima”. Uma de suas metas inconfessadas, embora documentadas, estava explicitada em um memorando que diz: “A vitória virá quando o cidadão médio estiver incerto sobre a ciência do clima”¹⁰.

Levando em conta esse breve histórico, fica evidente a verdadeira finalidade dos ataques contra a ciência do clima. Como colocam Oreskes e Conway:

A divergência entre o estado da ciência e como isso foi apresentado pela grande mídia ajudou a tornar mais fácil para nosso governo não fazer nada sobre o aquecimento global (...) Em julho de 1997, três meses depois que o protocolo de Kyoto foi finalizado, os senadores norte-americanos Robert Byrd e Charles Hagel introduziram uma resolução bloqueando sua adoção. Byrd-Hagel passaram no Senado por uma votação de 97-0. Cientificamente, o aquecimento global era um fato estabelecido. Politicamente, o aquecimento global estava morto (ORESQUES & CONWAY, 2010, tradução nossa, p. 215).

Longe de qualquer teoria da conspiração, a análise de bastidores bem documentados de discussões no congresso, Casa Branca e mídia norte-americana deixam três coisas muito claras. Primeiro, há um *delay* entre o diagnóstico científico da gravidade do aquecimento global e a adoção de medidas para a regulação das emissões dos gases de efeito estufa – que permanece até os dias de hoje. Em segundo lugar, este atraso não tem a ver com incertezas de natureza científica, mas com uma escolha deliberada de protelar o problema, maquiando-o com argumentos de autoridades dispostas a lançar *dúvidas* sobre o que é uma *questão de fato* consolidada. Por fim, o caso do Instituto Marshall é didático do que está em jogo desde o início nas iniciativas dessa e de outras *think tanks*: dizer o que os governos e as indústrias de combustíveis fósseis querem ouvir. À revelia do resto do planeta, *trata-se de defender interesses políticos e econômicos de uma elite com endereço, identidade e ideologia*.

É impossível saber ao certo, mas não é exagero estimar que a quantidade de dinheiro investida em *negacionismo climático* chega à escala dos bilhões de dólares. Quer dizer, não estamos falando de um negacionismo entre outros, relativo a um fenômeno mais geral de “pós-verdade”. Bem entendido, estamos diante da maior campanha de desinformação da

⁹ Cf. KEANE, Phoebe. Como a indústria do petróleo pôs em dúvida o aquecimento global usando táticas dos fabricantes de cigarro. BBC News Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54284565>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

¹⁰ Cf. NOGUEIRA, Salvador. Coluna Carbono Zero: tudo errado, mas tudo bem. Super interessante, 2021. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/coluna-carbono-zero-tudo-errado-mas-tudo-bem>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

história da humanidade. Em filosofia, qualquer abordagem do negacionismo que ignore esse dado está fadada a perder de vista o verdadeiro problema.

Um outro fim da história

Começamos por uma breve retomada da história do negacionismo climática, pois é sobre essa consideração que Bruno Latour formula toda sua hipótese em *Onde aterrar? – como se orientar politicamente no Antropoceno* (2017). Diz ele: “A hipótese é que não entenderemos nada dos posicionamentos políticos dos últimos cinquenta anos se não reservarmos lugar central à questão do clima e à sua denegação” (LATOUR, OT, p. 10).

No momento em que alguns pensaram que a história havia concluído seu curso, diz Latour, “uma outra história se iniciava sub-repticiamente” (LATOUR, OT, p. 9). A década de oitenta é o momento de decisões cruciais para os destinos da Terra e da humanidade. As *descobertas consolidadas pela ciência do clima e a decisão político-econômica de negá-las* é o acontecimento que molda o tempo presente. O ano de 1989 é o ano da queda do muro de Berlim e do término da guerra fria, marca do “fim da história” diria Fukuyama. Mas esse também é o ano do primeiro relatório negacionista do Instituto Marshall e do contra-ataque do conglomerado de empresas de gás, petróleo e carvão. Daqui em diante, fomos condenados a um “fim da história” muito menos otimista e muito mais literal do que aquele imaginado pelo filósofo nipo-americano.

A hipótese de Latour gira em torno do que ele chama de “hipótese de ficção política”. Na década de oitenta, se acumulavam evidências de que a estabilidade climática do planeta estava ameaçada. Devemos supor então que as elites político-econômicas entenderam perfeitamente o recado. Mais ainda, elas sabiam quem iria ter que pagar pelo prejuízo caso nada fosse feito. A partir daqui essas elites chegaram a duas conclusões que ditariam os rumos dos próximos quarenta anos:

Em primeiro lugar, sim, essa reviravolta vai custar bem caro, mas quem vai arcar com esse prejuízo *são os outros*, não nós; e, em segundo lugar, ainda que a verdade do Novo Regime Climático seja cada vez menos discutível, vamos negá-la até o fim (LATOUR, OT, p. 28).

Desde os anos 60, a comunidade científica já tinha conhecimento o bastante para afirmar que o aumento da temperatura média global era um problema não só real, como grave. Com efeito, na mesma década, o assunto foi direcionado para os líderes políticos nos Estados Unidos (ORESQUES e CONWAY, 2010, p. 170). De lá para cá, esse conhecimento se expandiu. Em 1995, é publicado o segundo painel intergovernamental da mudança climática (IPCC), documento que conclui que as ações humanas estavam afetando o clima global. A

evidência da ligação humano-clima é fortalecida pelo relatório de 2001, sendo enquadrada como “inequívoca” no sexto IPCC, de 2021. Soma-se aqui o amplo consenso de que ao menos que reduzamos profundamente a emissão de gases de efeito estufa, durante o século XXI ultrapassaremos o limite de 1,5°C estabelecido pelo acordo de Paris, o que trará consequências graves e imprevisíveis. Algumas delas já são testemunhadas hoje em dia, como o aumento na intensidade e frequência de eventos extremos.

Latour conclui sua hipótese fazendo uma metáfora com o *Titanic*. Percebendo que o naufrágio do navio é inevitável, as classes dominantes apropriam-se de todos os botes salvavidas, ao mesmo tempo que uma orquestra de violonistas nos distrai em meio ao caos. O irônico é que não se trata de “ficção” nenhuma. Entre outras referências, Latour acompanha os fatos trazidos à tona por *Mercadores da dúvida*, consolidados em documentos e depoimentos oficiais. Os executivos da ExxonMobil não chegaram exatamente na mesma conclusão? No início dos anos noventa, com pleno conhecimento de causa das mudanças climáticas, a companhia, lembra Latour, “decide investir pesadamente na extração frenética de petróleo e, ao mesmo tempo, na campanha igualmente frenética para negar a existência da ameaça” (LAOTUR, OT, p. 29).

No tópico anterior, vimos que a campanha de desinformação financiada pela indústria de combustíveis fósseis explica como a opinião pública se afastou do enorme consenso científico a respeito das mudanças climáticas. *Onde aterrar?* pode ser lido como o ensaio das consequências político-filosóficas dessa situação histórica: “As pessoas não se dão conta propriamente de que a questão do negacionismo climático organiza toda a política do tempo presente” (LAOTUR, OT, p. 35).

O contra-ataque da elite obscurantista

À classe dominante comprometida com o negacionismo climático, Latour dá o nome de *elite obscurantista*. Cabe perguntar sobre os *motivos* que levaram alguns a *decidir fazer política abandonando voluntariamente o vínculo com a verdade*. Afinal, qual o estatuto da *decisão* da elite obscurantista? Trata-se de uma *opção moral* dos agentes que a compõem? Ao contrário, ela obedece a compromissos mais profundos que a precede e a condiciona?

A oposição entre *sistema de produção* e *sistema de geração* atesta a segunda opção. O *sistema de produção* é inteiramente pautado pelo que Latour chama de *princípio de liberdade*. Segundo este, de um lado se encontrariam os humanos livres, dotados de agência e vida social; do outro estaria a natureza, fonte passiva de recursos exploráveis pela ação humano. Todo o sistema capitalista e seu ideal de vida se sustentam sobre essa objetificação da

natureza. Em contrapartida, o *sistema de geração* se baseia no princípio da *dependência*. Longe da utopia moderna de exploração infinita dos recursos naturais, somos chocados com outro *poder* do qual dependemos (LAOTUR, OT, p. 102). Esse poder impõe barreiras aos nossos projetos e modos de vida, nos obriga a repensar o papel atribuído aos humanos, exige o reconhecimento de outros atores na disputa política pela sobrevivência, incluso seres tão diferentes quanto florestas, animais, solos, oceanos, bactérias, enfim, todo organismo que de uma forma ou de outra depende da “fina película” atmosférica que sustenta a vida na Terra.

O termo “Antropoceno” foi originalmente proposto pelo químico Paul Crutzen e pelo biólogo Eugene Stoermer (2000). Eles alegam que o período designado pelo Holoceno não é mais adequado, pois, diferente de tempos anteriores, a humanidade tornou-se uma força capaz de impactar os processos geológicos e ecológicos da Terra. Embora tenha sido negado pela comissão internacional de estratigrafia (ICS)¹¹, o termo já ocupa diferentes áreas do saber, desde matérias jornalísticas até disciplinas como arte, arquitetura e filosofia (COSTA, 2019, p. 86).

Em essência, o que *Onde aterrar?* chama de “Antropoceno” designa a emergência de uma nova autoridade na cena política. Esta autoridade se manifesta na forma de uma exigência, pois ela nos obriga a reconhecer o princípio de dependência do sistema de geração. Em *Diante de Gaia*, seguindo Isabelle Stengers (2008), Latour chama esse acontecimento de “intrusão de Gaia”. Por “Gaia” entende-se uma visão não holística da Terra considerada como *organismo*. Ao reconhecer o papel de toda sorte de agentes que participam dos processos químicos e geológicos do planeta, nos opomos à visão moderna da natureza como realidade exterior desprovida de potência de agir. Por outro lado, a “intrusão” deste organismo vivo se refere ao Novo Regime Climático e à ameaça ao equilíbrio atmosférico que ele carrega consigo. Trata-se de falar literalmente de uma *reação do sistema Terra contra as investidas humanas sobre ele*¹². *Onde aterrar?* retoma a ideia, embora prefira utilizar o termo “Terrestre”: “É por meio do Terrestre que precisamos, de agora em diante, entender a ação conjunta dos agentes conhecidos pelas ciências da Zona Crítica (...)” (LATOUR, OT, p. 98).

Latour enxerga no acordo de Paris de 2015 a prova mais concreta da emergência dessa *potência* Terrestre. Cada uma das delegações presentes teve que concluir que não existe mais mundo compatível com seus projetos de desenvolvimento. Não devemos

¹¹ Cf. <https://www.theguardian.com/science/2024/mar/22/geologists-reject-declaration-of-anthropocene-epoch> - último acesso: 27/08/2024.

¹² Cf. “Terceira conferência – Gaia: uma figura (enfim profana) da natureza”, in: LATOUR, B., *Diante de Gaia – oito conferências sobre o antropoceno*, tradução Maryalua Meyer, Ubu editora e Ateliê de humanidades, São Paulo: 2020.

menosprezar esse dado: chefes de Estado se curvaram a uma forma de soberania nova, cuja potência não podia mais ser ignorada (LATOURE, OT, p. 102).

O curioso é que quem primeiro detectou o conflito foi a *elite obscurantista*. Antes de qualquer espectro político, as grandes companhias compreenderam que a tensão política fundamental se deslocaria, não estando mais *na contradição de classes no interior do sistema de produção*, mas sim *na contradição entre o próprio sistema de produção e o sistema de geração que ele coloca em risco*. Nesse sentido, quando os Estados Unidos se retiraram do acordo de Paris em 2017 se escancara a *continuidade* entre o trumpismo, o Novo Regime Climático e a decisão insana de negá-lo: “Aqueles para quem Trump trabalha são exatamente as mesmas pequeníssimas elites que, desde o começo dos anos 1980, vêm percebendo que não haveria espaço suficiente para elas (...)” (LATOURE, OT, p. 49).

Algo parecido com o que aconteceu com o protocolo de Kyoto se repetiu, mas em uma escala sem precedentes. Mais do que nunca, o aquecimento global era um fato estabelecido pelas ciências. Politicamente, o aquecimento global estava morto. Desta vez, o investimento em negacionismo climático teve que ser proporcional ao grau de certeza com que o problema se impunha. Para Latour, esta é a essência da aposta das elites em Donald Trump, bem como do “delírio epistemológico” que precisou tomar conta da Casa Branca e do debate público dos Estados Unidos.

Por fim, não podemos esquecer que estamos falando do país que mais teria a perder com medidas de restrição da matriz energética fóssil, como também “cuja responsabilidade na atual situação climática é a mais devastadora” (LATOURE, OT, p. 49). Quer dizer, de certa forma, assumir a responsabilidade nunca foi uma opção. Do contrário, abrimos margem para entender as decisões da indústria de combustíveis fósseis como contingentes ao *caráter* dos seus dirigentes e acionistas, como se fosse possível falar de uma “elite iluminada” em contraponto à “elite obscurantista”. O que a crise climática coloca em questão é justamente o *telos* moderno do progresso infinito. A crise escancara a finitude dos recursos exploráveis do planeta. O que passa a ser posto em xeque não é apenas uma elite ou outra, mas o próprio sistema de produção vigente e todo o modo de vida que ele sustenta.

Diferente do que sugere a metáfora do Titanic, nunca se tratou realmente de uma *escolha*, dado que toda e qualquer elite dentro do sistema capitalista de produção está obrigada a sua lógica interna de expansão a todo custo. Além de estúpidas e perversas, as elites obscurantistas são sintomas de um sistema mais profundo que as atravessa. Desde sua saída do porto, os botes salva-vidas do navio não eram suficientes para todos e nenhuma boa vontade em dividi-los seria capaz de mudar essa situação.

Da política da pós-verdade à pós-política

Nos tópicos anteriores, discutimos sobretudo as razões para a *elite obscurantista* aderir a uma política negacionista. Embora correlatas, as razões para “pessoas comuns” não acreditarem em mais nada não são simétricas. Passemos agora para esse segundo ponto.

Antes de mais nada, é importante estabelecermos o deslocamento proposto pelo livro. Se o negacionismo não pode ser reduzido a um problema *epistemológico* ligado com a “pós-verdade”, é porque este fenômeno não é causado por uma indistinção entre verdade e opinião, mas, em primeiro lugar, é fruto de uma *falta de confiança*. Como coloca Latour, ao nos indignarmos com a “irracionalidade” dos outros, somos nós que nos enganamos, pois acreditamos em um mundo onde os “fatos” e as “verdades” se sustentam por si só, nos diz, “(...) sem precisar de um mundo compartilhado, de instituições e de uma vida pública (...)” (LATOURE, OT, p. 35).

Por maior que seja o consenso científico em torno de determinados fatos, a confiança neles depende do “mundo comum” em que existem, isto é, depende da credibilidade das autoridades e instituições que os portam, das condições históricas e sociais que os sustentam, das relações sensíveis e afetivas que os engajam conosco. Para que não-cientistas confiem em “fatos científicos” é preciso satisfazer certas condições. As pessoas precisam antes ver credibilidade nas autoridades portadoras destes mesmos fatos. A confiança nestas autoridades, por sua vez, se sustenta na existência de instituições, de uma vida pública e de uma imprensa capazes de estabelecer consensos sobre diferentes temas. Desde sempre, a *confiança na verdade* dependeu da construção social de uma complexa e frágil “cultura comum” de amparo¹³. Em entrevista para o jornal “El País Brasil”, Latour menciona as “vacinas” como exemplo¹⁴. Por ser didático, vale explorarmos um pouco mais o assunto.

A maioria de nós não é cientista, o que significa que não compreendemos o funcionamento e as nuances de uma vacina. Simplesmente confiamos que o líquido que está sendo injetado no nosso corpo cumpra com a promessa que nos foi feita. Ou seja, há a questão de fato constatada pela ciência: as vacinas são úteis na prevenção de doenças. Socialmente, no entanto, a sustentação desse fato depende de algo mais do que a sua validade científica, a

¹³ Latour não está sozinho em seu raciocínio. Como coloca Alyne Costa, quando o assunto é o descrédito da verdade, o diagnóstico que cada vez mais se impõe é o de que, diz ela, “a ampla aderência ao negacionismo e a outros conspiracionismos (terra-planismo, movimento antivacinas etc.) que testemunhamos hoje não se explica simplesmente por tolice ou falta de informação, mas pela perda de confiança na ciência e na verdade por ela produzida” (COSTA, 2021, pp. 42-43).

¹⁴ “Bruno Latour: ‘O sentimento de perder o mundo, agora, é coletivo’”. El País Brasil, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/internacional/1553888812_652680.html. Acesso em: 27 de julho de 2023.

saber, a confiança na promessa de que as vacinas são úteis. Como construir essa confiança? Através de uma vida pública que a alimente: meios de comunicação, instituições, médicos, autoridades e cientistas que tornem aceitável a ideia da vacinação. Se não fosse assim, dificilmente deixaríamos alguém nos furar com uma agulha para inserir em nosso organismo uma substância estranha. Promover a vacinação como política pública não passa por uma questão cognitiva de entender as nuances da infectologia, mas antes pela construção da *confiança* na promessa que foi feita em relação aos benefícios dessa ação.

O Brasil oferece bons exemplos. Basta lembrar da “revolta das vacinas” em 1904: sem uma construção prévia de confiança pública, a imposição da obrigatoriedade da vacinação contra a varíola esbarrou em uma violenta resistência da população. Após mais de um século de campanhas em massa - e graças ao “Zé gotinha”! - a situação mudou completamente. A convivência da sociedade com as vacinas e o conhecimento dos seus benefícios, bem como a expansão do SUS criaram uma “cultura de vacinação” capilarizada em todo território brasileiro. É por isso que mesmo que *fake news* e discursos negacionistas repercutam cada vez mais entre nós, movimentos antivacina têm tido menos efeitos no Brasil do que em países sem cultura de vacinação¹⁵.

Na opinião pública, por maior que seja o consenso científico em torno dos fatos, estes têm seus valores determinados de acordo com o “mundo comum” em que existem. Neste contexto, nossa problemática torna-se a seguinte: se não é a tolice ou a falta de informação, o que explica a *crise de confiança* nas ciências?

É no registro da destruição de uma “cultura comum” ou, inversamente, da construção de uma “cultura comum” negacionista que devemos entender como pessoas foram levadas a “não acreditar em mais nada”. Nos últimos quarenta anos, elites políticas e econômicas se dedicaram à construção de uma visão de mundo na qual a situação geopolítica da “intrusão de Gaia” deve ser negada a todos os custos, em que a indiferença aos fatos se torna essencial. Estamos falando do outro “fim da história” iniciado sub-repticiamente nos anos oitenta.

A negação sistemática da ciência do clima conduz a uma politização de questões de fato consolidadas: “Se é verdade que as pessoas comuns já tendiam a desconfiar de tudo, elas foram levadas, graças ao bilhões de dólares investidos em desinformação, a desconfiar de um fato muitíssimo sólido: a mutação climática” (LATOURET, OT, p. 34). Como constata Latour, no final do século XX a questão climática se tornou um tema tão fundamental quanto o aborto para definir o lado “republicano” da política norte-americana (LATOURET, OT, p. 47). E não por

¹⁵ Cf. Deise Lisboa Riquinho, Idiane Rosset, Eliane Pinheiro de Moraes e Cristina Rolim Neumann. “A cultura de vacinação no Brasil e a COVID-19”. UFRGS Jornal, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/a-cultura-de-vacinacao-no-brasil-e-a-covid-19/>. Acesso em: 27 de julho de 2023.

acaso: não fosse a ameaça às indústrias fósseis, não haveria porquê fazer do ataque contra as ciências uma bandeira política.

Diante do Novo Regime Climático, a fuga da “realidade” foi elevada à condição primeira, promovendo um horizonte que Latour nomeia de “Fora-deste-mundo”: “o horizonte de quem não pertence mais à realidade de uma terra que reagiria as suas ações” (LATOURE, OT, p. 45). Como vimos, Trump e o trumpismo são a intensificação sem precedentes desta condição: “Pela primeira vez, o negacionismo climático define a orientação da vida pública de um país” (LATOURE, OT, p. 45).

Tudo somado, o problema negacionista muda completamente de figura. Desconfiar de “verdades” ou “questões de fato” não é a novidade; de certa forma, a “pós-verdade” sempre foi a regra. A novidade nos é dada antes pelo Novo Regime Climático e a decisão de negá-lo. Na hipótese de Latour, Trump é a coroação dessa situação histórica, pois ele explicita o fim de uma política em que se tem o “comum” como horizonte. Nos diz: “Não se trata de uma política da “pós-verdade”, mas sim de uma política da “pós-política”, ou seja, literalmente sem objeto, na medida em que ela rejeita o mundo que reivindica habitar” (LATOURE, OT, p. 49-50).

A “pós-política” define a destruição de uma vida pública compartilhada ou, o que dá na mesma, define a construção de uma “cultura comum” negacionista. Nestes termos, enfim nossa problemática inicial pode ser recolocada: o que leva pessoas a negar a realidade, mesmo diante de dados, argumentos e fatos que contradizem suas opiniões?

Seguindo Latour, casos limite em que nem a realidade mais escancarada é capaz de se impor podem ser entendidos literalmente como uma “guerra de mundos”. No mundo dos apoiadores de Trump, “fatos” e “verdades” sobre o aquecimento global não são assuntos consolidados, assim como os jornais, cientistas, médicos, políticos, acadêmicos e instituições públicas que os portam não são dignos de confiança. Não é outro o efeito colateral de quarenta anos de ceticismo climático. A confiança – sempre frágil e instável – em um “árbitro neutro” capaz de ditar a verdade foi completamente minada, o que criou um campo fértil para disseminação de todo tipo de insanidade conspiratória.

Em “Negacionistas são os outros” (2021), Alyne Costa avança ainda mais o argumento de Latour. Por um lado, a análise de *Onde Aterrorizar?* se concentra nos “profissionais da negação”, isto é, naquelas elites que, motivadas por interesses escusos, deliberada e sistematicamente promovem o engano como forma de fazer política. Mas a “hipótese de ficção científica” de Latour não explica tudo (COSTA, 2021, p. 2). O fenômeno negacionista não se resume ao “desejo de enganar”. Certamente, este é o fator que move a indústria da

dúvida de que falávamos há pouco. Quando o assunto é o abalo da verdade generalizado nas diferentes camadas sociais, porém, devemos explorar a pista da “crise de confiança”.

Em primeiro lugar, Costa destaca como os ataques negacionistas não têm como alvo a Ciência como instituição. Ao contrário, diz ela, “é bem extensa a lista de fatos e teorias científicas que gozam de alto grau de aceitação dentro e fora da comunidade científica, e que, por isso, não são objetos de disputa” (COSTA, 2021, p. 5). O que testemunhamos hoje, precisa Costa, é a coexistência entre, de um lado, a confiança sem precedentes na ciência e, do outro, o aumento do ceticismo quanto a descobertas científicas e opiniões de especialistas. Como entender essa estranha conjunção?

Olhando mais de perto, vemos que não há contradição alguma. Entre negacionistas e adeptos de teorias da conspiração há o apelo comum por um “pensamento crítico”. Ou seja, se eles duvidam de tudo aquilo que as pessoas dizem, não o fazem para descartar a verdade, mas antes, completa Costa, para “fornecer uma explicação para o que está *realmente* acontecendo e apontar os “agentes poderosos” que agem implacavelmente nas sombras” (COSTA, 2021, p. 4). O negacionismo não é feito contra a ciência, mas em nome de uma “ciência genuína”, purificada de interesses e revestida pela objetividade e neutralidade que lhe seria própria. Uma vez que o fenômeno negacionista diz respeito a uma crise de ordem política e social, é preciso admitir que não é exatamente a ciência que está sendo negada, mas, isso sim, a confiança depositada nas “instituições oficiais”. Daí a fórmula precisa de Costa: para os que se enganam ou que são enganados, “negacionistas são os outros”¹⁶.

Não deixemos de apontar como o próprio Latour levantou a questão à sua maneira. O “pensamento crítico” que dominou a academia no último século compartilha uma estrutura similar com o conspiracionismo da cena política. Ambos partem de uma atitude de descrença diante da verdade oficial, para em seguida levantar algum tipo de explicação causal que apela para engrenagens agindo por “de trás das cortinas” (LATOURE, 2004, 229) – seja o jogo de forças, das estruturas sociais ou da linguagem, seja os agentes maléficos de alguma seita

¹⁶ Como coloca Costa, é precisamente um *ethos* crítico que se reproduz entre os *terraplanistas*, para usarmos um exemplo extremo. Tenta-se negar o formato esférico da Terra através de argumentos pretensamente científicos, chegando-se até a emular metodologias experimentais. Por outro lado, lança-se as mais diversas teorias do porquê omitiram o terraplanismo da população, na maior parte das vezes relacionando isso com algum complô entre a NASA e políticos. De toda forma, importa destacar como por mais simplistas e errôneos que sejam os argumentos, por mais bizarras que sejam as teorias, no fim é uma busca pela verdade o que motiva o questionamento de um fato bem estabelecido pela ciência. Sobre o tema, um ótimo documentário sugerido por Costa é o A TERRA É PLANA. Diretor: Daniel J. Clark. Distribuidor: Netflix. Produção: Daniel J. Clark, Caroline Clark, Nick Andert. Música composta por: Bryan Ricker. Produção executiva: Patrick Creadon, Christine O'Malley. Data de lançamento: 15 de novembro de 2018 (EUA).

illuminati. Para Latour, evitar este tipo de afinidade passa por calibrar o que se entende por atitude crítica. A tentativa de purificar os “fatos” dos “interesses” é ela mesma uma das fontes do problema diagnosticado aqui. Contudo, é preciso evitar o caminho inverso e kantiano que a crítica tomou, onde criticar “questões de fato” significa dirigir a atenção para as condições de possibilidade que as tornam possíveis. A tentativa de reconectar os objetos às suas condições termina sempre por enfraquecer sua realidade ao invés de fortalece-la. Ao contrário, Latour sugere um retorno para a atitude crítica que encontramos em Whitehead. Diz ele:

Whitehead é o único que, em vez de tomar o caminho da crítica e desviar sua atenção dos fatos para o que os torna possíveis, como fez Kant; ou acrescentar algo ao seu esqueleto, como fez Husserl; ou evitar o destino de sua dominação, seu Gestell, tanto quanto possível, como fez Heidegger; tentou se aproximar deles ou, mais exatamente, ver através deles a realidade que exigia uma nova atitude realista respeitosa (LATOURE, 2004, tradução nossa, p. 244).

Como coloca Thiago Pinho, Latour enfrenta de frente a virada para um mundo onde a crítica à ciência tem que encarar o seu avesso: de traço progressista, a crítica se encontra com uma tendência reacionária (PINHO, 2024, p. 4). O campo das humanidades devotado ao “pensamento crítico” ou à “desconstrução” configura o que Pinho chama de “terceira perna” do negacionismo, somando-se aos eixos da “elite obscurantista” e das “pessoas comuns” na construção de um clima de desconfiança generalizada. Nesse sentido, o recurso a Whitehead oferece uma nova distinção a Latour, entre *matters of fact* e *matters of concern*. Valores e fatos não devem se opor, justamente porque o domínio estético da *confiança* não só é indissociável da construção dos fatos, como também inseparável do seu fortalecimento enquanto realidade. Uma análise mais detida da teoria das *matters of concern* latourniana escapa do escopo deste artigo. Notemos tão só o sentido para o qual ela se orienta, conforme Pinho:

[...] antes de sair pelas ruas lançando dados e fatos na cara das pessoas (positivista), ou desconstruindo tudo o que se vê pela frente, em uma hermenêutica da suspeita arrogante (pós-estruturalista), é necessário construir um mundo onde fatos “importam”, onde a natureza não é passiva, apenas aguardando o sujeito de jaleco branco ou o indivíduo foucaultiano (PINHO, 2024, p. 17).

A geopolítica do negacionismo

Quando nossos heróis Jim e Jary se recusam a abrir mão das suas teorias, isso ocorre porque, de partida, eles veem mais *razão* em fatos e verdades alternativas. Esperar que os dois levem a sério qualquer coisa que Hillary Clinton lhes disser é ignorar o mundo que eles

habitam: o mundo da “pós-política”, desprovido de “cultura comum”, construído sobre políticas sistemáticas de desinformação, estas que contam com bilhões de dólares das indústrias de combustíveis fósseis, cobertura massiva de redes sociais e infiltração nos espaços do poder dominante. Jim e Jary tomam café da manhã, almoçam e jantam desinformação. Nas suas casas, trabalhos, convenções ou nos bares que frequentam, suas certezas encontram respaldo, são reafirmadas e compartilhadas. Quem se “indigna” com suas opiniões não entende que o estranho seria se eles pensassem diferente. Dito isto, somos levados a concluir que não há como vencer o negacionismo? O que fazer contra ele?

Reconhecer os motivos do negacionismo não significa criar uma simetria entre dois mundos opostos, um que acredita em fatos e outro que os nega. Para Latour, trata-se antes de entender a *geopolítica* que a oposição supõe: “Ora, é justamente aí que reside o problema: existem, hoje, vários territórios incompatíveis uns com os outros” (LATOURE, OT, p. 36).

Por *geopolítica*, podemos entender simplesmente os *modos de ocupar territórios*. Em geral e historicamente, dois vetores de atração orientam a ocupação do que Latour considera “modernos”: o vetor que indica a direção do *local ao global*, caracterizado pela injunção de abandonar o “arcaico” e “primitivo” rumo ao “ideal de progresso”; ou, ao contrário, o vetor anti-moderno, voltado para o recuo em direção às certezas antigas, províncias e tradições. Em ambos os casos, o Terrano (o *geo-*) é tomado como passivo, como espaço-tempo onde se desenrolam os dramas humanos (o político). Com a emergência do Novo Regime Climático, porém, de repente, diz Latour, “é como se, ao mesmo tempo e em toda parte, um *terceiro atrator* tivesse surgido (...), tornando impossível se orientar segundo a antiga linha de fuga” (LATOURE, OT, p. 43).

O *terceiro atrator* está ligado aos agentes, direções e sentidos que o Novo Regime Climático impõe na agenda política. De espaço-tempo passivo e indiferente, o Terrano e seu sistema de geração torna-se sujeito político ativo na negociação de interesses. Antes de se manifestar claramente, no entanto, na realidade o que vimos foi o surgimento de um *quarto atrator*, posicionado em reação ao terceiro. Trata-se do atrator “Fora-deste-mundo”, caracterizado pela negação sistemática da realidade que afronta o sistema de produção vigente. Na visão de Latour, o importante aqui é entender que a decisão de negar o problema ao invés de enfrentá-lo, longe de se resumir à falta de inteligência, equivale a uma *declaração de guerra*.

De um lado, estão as elites obscurantistas e a defesa incondicional do sistema de produção. Do outro, estão os *Terranos*, aqueles que, entre humanos e não humanos, ao invés de destruir, “buscam conviver com outros terrestres sob a autoridade de uma potência cuja instituição política ainda não está garantida” (LATOURE, OT, p. 109). Com este horizonte

bélico envolvido no fenômeno negacionista, deslocamos as condições da solução do problema. Ao nosso ver, Latour indica ao menos duas direções.

Em primeiro lugar, como vimos, diferente de um problema de “déficit epistemológico” da Era da “pós-verdade”, o negacionismo aparece diretamente relacionado com um “déficit de prática comum” da Era da “pós-política”. Nesse sentido, a primeira solução passa por suprimir esse déficit, ou ainda, como diz em *Diante de Gaia*, buscar “nos tornar sensíveis à sensibilidade de Gaia” (LATOUR, 2020b, p. 228). Latour reconhece que as iniciativas do gênero já são inúmeras: “Nas exposições de arte, nos periódicos científicos, nas discussões sobre os bens comuns, na reocupação de áreas rurais remotas (..) os dados já foram lançados: o grande deslocamento já aconteceu” (LATOUR, OT, p. 111).

Em segundo lugar, em uma situação de guerra é imprescindível saber quem são seus aliados e quem são seus inimigos. Latour sugere, então, um passo para trás. Segundo ele, é necessário enumerar, percorrer e medir os terrenos de vida, nos diz, “para aprimorar de saída a representação das paisagens onde as lutas *geo-sociais* se situam, antes de compô-las” (LATOUR, OT, p. 115). Trata-se da exigência de uma dupla reorientação, tanto da noção do *solo* e dos *seres* que o habitam, quanto da *política* que se faz sobre ele. Essa reorientação deve concluir com uma reunião definitiva entre *questão social* e *questão ecológica*, apontando finalmente para o conflito motor do nosso tempo, qual seja, aquele entre o atrator geopolítico “Fora-deste-mundo” e o atrator “Terrano”, combate entre o sistema de produção vigente e o sistema de geração que o confronta. Essas são algumas das formas que Latour enxerga para *aterrar* em um mundo que podemos começar a definir de novo de maneira comum.

Conclusão

Se começamos com uma sátira política, podemos terminar com outra. Assim como *Borat 2*, o filme *Don't Look Up* [Não olhe para cima!] (2021) é um retrato tragicômico do negacionismo¹⁷. A produção de Adam McKay acompanha dois cientistas na tentativa frustrada de alertar o mundo sobre o impacto iminente de um cometa. No percurso, eles esbarram com políticos e figuras da mídia não levando a sério a urgência da situação. Depois de finalmente convencer a presidenta dos Estados Unidos, um rico empresário interfere no plano de destruir o cometa com bombas nucleares, pois vê nele a possibilidade trilionária de exploração mineral. Então, ao invés de eliminá-lo, eles decidem fragmentá-lo em pequenos pedaços que poderão ser resgatados após o impacto. É claro que o plano falha, o planeta é destruído e todos morrem, exceto por alguns bilionários que fogem em uma espaçonave.

¹⁷ DON'T LOOK UP. Direção: Adam McKay. Produção: Adam McKay, Kevin Messick. Distribuidora: Netflix, 2021.

O cometa destruidor de planetas não é só uma metáfora descarada para a mudança climática. Mais do que isso, ele é a desculpa perfeita para satirizar o negacionismo climático. Todos os elementos desta história estão ali: o hiato entre o diagnóstico científico da gravidade do problema e a adoção de medidas para solucioná-lo, a natureza político-econômica deste atraso, a prioridade dos interesses de uma elite mesquinha frente ao resto do planeta. O “fim do mundo” é pintado como a culpa de políticos, jornalistas, empresários tipo “Jeff Bezos” e a porção negacionista da população. Ao final do filme, tudo converge para a campanha pautada pelo imperativo “não olhe para cima!”. Em uma metáfora para a saída dos EUA do acordo de Paris, trata-se de literalmente negar a existência de um cometa apocalíptico visível a olho nu.

Don't Look Up vai mais longe no quesito do negacionismo político. Os dois cientistas representam o lado “racional” da moeda. Enquanto vítimas indignadas da estupidez alheia, eles tentam desesperadamente trazer políticos, mídia e opinião pública “de volta à razão”. Mas nem eles são poupados da sátira. A todo momento o filme explora a falta de tato em comunicar o assunto (um ataque de pânico em meio a uma entrevista), ou os desvios de caráter que os levam a se juntar aos poderosos (de acusador, um deles se torna porta-voz da presidência e amante da âncora de um jornal sensacionalista).

O próprio Latour declarou seu gosto pelo longa. Em uma de suas últimas entrevistas, ele diz que o interessante é que o filme *não nos faz rir*¹⁸. Diferente da tentativa de “ensinar” Jim e Jary, não se trata de gerar risadas em uma audiência presumidamente esclarecida sobre a verdade dos fatos. O filme foge da fórmula da “inteligência contra a burrice” implícita no diagnóstico da “pós-verdade”. Ninguém é poupado: a sátira é generalizada para todos envolvidos, sejam políticos, mídia, população ou os próprios cientistas e acadêmicos.

Aos poucos, os cientistas interpretados por Jennifer Lawrence e por Leonardo DiCaprio percebem a ingenuidade das suas abordagens. Enfim, ao invés tentar convencer as pessoas ou de tentar negociar com o governo, eles passam a enfrentá-lo com mobilizações sociais. Já é tarde demais quando eles se dão conta do tabuleiro “pós-político” em que estavam jogando. De nossa parte, podemos tentar aprender com *Onde Aterrar?* antes que seja tarde demais.

Referências

¹⁸ Bruno Latour: “Les écologistes ne peuvent pas espérer mobiliser sans faire le travail idéologique”, RadioFrance, 2022, disponível em: <https://www.radiofrance.fr/franceinter/podcasts/l-invite-de-8h20-le-grand-entretien/l-invite-de-8h20-le-grand-entretien-du-vendredi-07-janvier-2022-8592485> . Acesso em: 05 de maio de 2024.

COSTA, Aline. Da verdade inconveniente à suficiente: cosmopolíticas do Antropoceno. In: **COGNITIO-ESTUDOS - Revista Eletrônica de Filosofia**, vol. 18, nº.1, janeiro-junho, 2021, p.37-49. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitio/article/view/53089>>, acesso em 26/05/2024. DOI: <https://doi.org/10.23925/1809-8428.2021v18i1p37-49>.

_____, Negacionistas são os outros. **Peseagrama**, Belo Horizonte, nº15, 2021, p. 64-73. Disponível em: <<https://piseagrama.org/artigos/negacionistas-sao-os-outros/>>, acesso em: 25/05/2024.

_____, **Cosmopolíticas da Terra: modos de existência e resistência no Antropoceno**. 2020. Tese (Doutorado em Filosofia), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RIO.

CRUTZEN, Paul; STOERMER, Eugene. The “Anthropocene”. **Global Change Newsletter**, n.41, mai.2000.

HARMAN, G., **Bruno Latour – Reassembling the Political**, Pluto Press, London: 2014.

LATOUR, B., **Onde aterrar? – como se orientar politicamente no Antropoceno**, tradução Marcela Vieira, Bazar do Tempo, Rio de Janeiro: 2020.

_____, **Diante de Gaia – oito conferências sobre o antropoceno**, tradução Maryalua Meyer, Ubu editora e Ateliê de humanidades, São Paulo: 2020b.

_____, **Why Has Critique Run out of Steam? From Matters of Fact to Matters of Concern**. *Critical Inquiry*, v. 30, n. 2, p. 225-248, 2004. Disponível em: <http://www.brunolatour.fr/node/165.html> Acesso em: 27 agosto de 2024.

ORESQUES, N., CONWAY, E., **Merchants of Doubt : How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues from Tobacco Smoke to Global Warming**. New York :Bloomsbury Press, 2011.

PINHO, T. **Existo, logo o mundo pensa: Whitehead, Latour e a estética científica**. *Trans/form/ação: revista de filosofia da Unesp, Marília*, v. 47, n. 3, e0240032, 2024. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4147-6331>.